

# O DESMAZELO COM A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA NAS COMUNICAÇÕES: UMA QUESTÃO DA DIDÁTICA DA HISTÓRIA

Dirceu Marchini Neto<sup>1</sup>

## RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar um estudo sobre a relação entre a ciência histórica e a didática da história, através da análise da prática da comunicação oral de textos em eventos acadêmicos. A pesquisa realizada é bibliográfica, qualitativa e descritiva. Como resultado, analisamos vários autores e estudiosos da temática para averiguar como a consciência histórica se relaciona com o presente, tornando mais inteligível a pesquisa apresentada. Por fim, criticamos a prática da mera leitura de comunicações com o intuito de relembrar que o comunicador deve sempre promover a “função” da consciência histórica no momento em que apresenta oralmente sua pesquisa.

**Palavras-Chave:** Consciência Histórica, Comunicação, Didática Da História, Eventos Acadêmicos, Professores.

## THE SLOPPINESS WITH HISTORICAL CONSCIOUSNESS IN COMMUNICATIONS: A QUESTION OF TEACHING HISTORY

## ABSTRACT

The aim of this article is to present a study about the relationship between historical science and didactics of history, through the analysis of the practice of oral communication of texts in academic events. This research is bibliographical, qualitative and descriptive. As a result, we analyze several authors and scholars of the subject, to find out how historical consciousness relates to the present, making the research presented more intelligible. Finally, we criticize the practice of merely reading communications in order to remind us that the communicator must always promote the "function" of historical consciousness when presenting orally his research.

**Keywords:** Historical Consciousness, Communication Paper, History Didactics, Academic Events, Professors.

---

<sup>1</sup> Professor efetivo do Curso de Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Doutor em História pela Universidade de Brasília (UNB). Mestre em História pela Universidade do Porto (U.PORTO). Especialista em História Medieval e do Renascimento, também pela Universidade do Porto (U.PORTO). Licenciado em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Bacharel em Direito e Especialista em Direito das Relações Sociais.

## INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma tentativa de demonstrar a importância da vinculação entre ciência histórica e didática da história. Foi feita uma discussão acerca das maneiras de se apresentar uma comunicação em um evento acadêmico, tornando a comunicação uma demonstração de como unir ciência histórica com didática da história.

Este trabalho analisa diversos conceitos da disciplina “Didática da História” e propõe que comunicadores se preocupem mais com a consciência histórica dos ouvintes, para que as práticas de comunicação sejam modificadas, a fim de tornar mais compreensíveis as pesquisas que são apresentadas em eventos acadêmicos.

### *Comunicações e Consciência Histórica*

Antes de abordarmos o tema da comunicação, o qual mostra-se no Brasil como um problema de um dos aspectos da didática da história – sendo este aspecto a prática de ensino de história –, é preciso ressaltar que a didática da história é muito mais do que a mera análise das práticas de ensino e da história escolar. A didática compreende também a análise de todas as elaborações da história sem forma científica (CARDOSO, 2008, p. 158) e a investigação da circulação social do conhecimento histórico (CERRI, 2010).

De acordo com Oldimar Cardoso (2008, p. 158), “a didática circunscrita pelo conceito de *Geschichtsdidaktik* pertence à História, é uma parte indissociável dela”<sup>2</sup>. A didática da história abrange mais do que a realidade escolar, ela estuda a consciência histórica na sociedade. E o que seria essa consciência histórica? Segundo Karl-Ernst Jeismann (1977, p. 12), a consciência histórica é “o total das diferentes ideias e atitudes diante do passado”. Já Rafael Saddi (2012, p.214) diz que a consciência histórica “trata-se, portanto, da suma dos modos como os homens se relacionam com o que já ocorreu”.

Citando Luiz Fernando Cerri (2012, p. 268):

---

<sup>2</sup> Acerca da divisão entre ciência histórica e didática da história, Rafael Saddi (2010, p. 71) escreveu o seguinte: “Porém, além do fato de não ser uma área legitimada cientificamente, e além de centrar suas análises predominantemente na metodologia do ensino de História, tal percepção da Didática da História a via como uma instância separada da Ciência Histórica. Desta forma, consolidava-se a divisão entre Ciência Histórica e Didática da História a partir da redução da primeira à metodologia da pesquisa e da segunda à metodologia de ensino. O fim desta separação exigia tanto uma ampliação da concepção de Ciência Histórica quanto de Didática da História. Era preciso que a Ciência Histórica percebesse os seus vínculos com a vida prática humana e que a Didática da História compreendesse a sua relação com o trabalho metódico dos historiadores. O questionamento sobre a separação entre Didática da História e Ciência Histórica deu-se na Alemanha dos anos 60 e 70 como resposta a uma crise de legitimidade da Ciência Histórica e do Ensino de História”.

A consciência histórica pode ser definida como a soma das operações mentais com as quais os homens interpretam a sua experiência de evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de tal forma que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo ou ainda o grau de consciência da relação entre o passado, o presente e o futuro.

Para Jörn Rüsen (SCHMIDT, BARCA, MARTINS, 2010, pp. 112-113),

Em resumo, a consciência histórica pode ser descrita como a atividade mental da memória histórica, que tem sua representação em uma interpretação da experiência do passado encaminhada de maneira a compreender as atuais condições de vida e a desenvolver perspectivas de futuro na vida prática conforme a experiência.

Retomando Jeismann, este influenciou Jörn Rüsen e Klaus Bergmann com a ideia de que as tarefas da didática da história são: estabelecer uma “Morfologia” e uma “Gênese” da consciência histórica. A “Morfologia” propõe a tarefa de identificar empiricamente as diferentes formas como os homens se relacionam com o passado na sociedade contemporânea. A “Gênese” implica nas diferentes concepções de história. Disso deriva a ideia de que a consciência histórica não é natural. Isso significa que é preciso investigar o modo como essas consciências históricas prevaletentes são “propagadas pela tradição, modificadas pela experiência histórica, aumentadas pela crítica ou agitação, corrigidas ou não pela pesquisa documental” (JEISMANN, 1877 *apud* SADDI, 2012, p. 214).

Além dessas duas tarefas, o historiador Rafael Saddi (2012, p. 215), ainda baseando-se no que escreveu Jeismann, cita uma terceira tarefa da didática da história: a de estabelecer a “Função” da consciência histórica, indagando qual a importância destas consciências históricas para a autocompreensão do presente.

A didática da história deve, também, além de investigar a ‘Morfologia’, a ‘Gênese’ e a ‘Função’ da consciência histórica atual, estabelecer-se como uma ‘Pragmática’ da consciência histórica. Falamos aqui de uma tarefa normativa da didática da história, na qual “[...] ela busca uma forma de construir ou influenciar estas consciências históricas de algum modo”. Ao mesmo tempo, ela “[...] pretende corresponder um adequado e avançado [...] conhecimento do passado com a auto-compreensão racional do presente” (JEISMANN, 1977, p. 15)<sup>3</sup>. Ela não pode permitir que os interesses do presente produzam interpretações do passado esquemáticas e em desacordo com os avanços metódicos da ciência histórica, nem que um passado

---

<sup>3</sup> Nota do autor.

esquemático sustente uma autocompreensão do presente simplista, gerando ações e atitudes dogmáticas” (SADDI, 2012, p. 215).

Se considerarmos que a consciência histórica (totalidade das ideias e atitudes dos homens com relação ao passado) é o objeto de investigação da didática da história, “que tem como tarefas estabelecer a ‘Morfologia’, a ‘Gênese’ e a ‘Função’ da consciência histórica na sociedade e fundar-se como uma Pragmática da Didática da História”, devemos considerar, então, que o campo de investigação da didática da história envolve três áreas fundamentais. Segundo Rafael Saddi (2012, pp. 215-216), essas três áreas são:

a) o ensino escolar da história, em que atua como uma didática do ensino de história; b) o uso público da história, em que se estabelece como uma didática da história pública; e c) a ciência história, em que age como uma didática da ciência histórica ou uma instância de auto-reflexão dos historiadores.

Toda essa exposição sobre a didática da história relaciona-se ao tema central deste artigo, que é a “comunicação”, na medida em que entendemos a prática de apresentar comunicações inserida no campo do ensino da história. Como dissemos anteriormente, o ensino da história é uma área relevante da didática da história, mas não a sua totalidade.

Entretanto, no Brasil, quando assistimos aos professores e pesquisadores de história apresentarem suas comunicações em eventos de história, percebemos que não há necessária preocupação com a didática da história e com a consciência histórica quando algum comunicador lê seu texto a um público especializado ou leigo. Ao contrário, o que aparenta é que a maioria dos comunicadores apenas apresenta seu texto para demonstrar que tem uma pesquisa em andamento ou concluída, que domina os métodos de uma ciência histórica, mas que pouco se preocupa se quem está assistindo ou escutando a leitura está entendendo aquilo que está sendo apresentado.

No início de 2013, quando participava de um congresso de história na Universidade de São Paulo, ao iniciar minha fala no momento em que chegou minha vez de apresentar minha pesquisa, assumi publicamente a preferência por falar em pé e sem fazer leitura textual. Rapidamente, ao perceber a situação, um professor doutor de outra instituição que estava no auditório se levantou de sua cadeira e me pediu para me sentar e ler o meu texto, pois “assim era o usual”. Aquela situação causou-me certo desconforto, principalmente pela privação que me estava sendo, de certa forma, imposta.

Noutra ocasião, já na Universidade Estadual de Goiás, tive a oportunidade de presidir uma mesa redonda de comunicações, durante um evento do curso de História. Pelo regulamento do congresso, cada comunicador teria até vinte minutos para apresentar seu texto, motivo pelo qual fui obrigado a informar a um professor, que lia seu texto há quinze minutos, que lhe faltavam apenas cinco minutos para seu tempo se esgotar. No momento em que fora avisado, o professor ficou visível e psicologicamente perturbado e nem sequer conseguiu explicar quais eram os resultados alcançados na sua pesquisa. Resumindo, aquele professor estava tão focado na pesquisa e na leitura do seu texto, que se esqueceu do ensino, olvidou-se de que as pessoas estavam ali para entenderem sua pesquisa.

Nota-se que já está social e academicamente “convencionado” que as comunicações de história devem se realizar sob a forma de leitura textual. Uma leitura que não se preocupa com o ensino da história, na medida em que, em muitos casos, o comunicador se afasta do papel de professor enquanto lê seu texto. Isso ocorre porque, inconscientemente, a ideia de que a ciência histórica se sobrepõe à didática da histórica ainda permeia as mentes de nossos historiadores, os quais neste solene e sublime momento da comunicação sentem-se conhecedores dos métodos de pesquisa em história e de determinado ramo do conhecimento histórico. Enquanto muitos comunicadores sentem êxtase por acharem-se “domadores” da ciência histórica, esquecem-se de que as pessoas que ouvem sua apresentação podem não estar compreendendo a leitura textual (por estarem sem cópia do texto) e que, às vezes, não entendem termos científicos ou expressões técnicas por não possuírem o mesmo nível de conhecimento daquele que está lendo.

É comum, em eventos de história, vermos alunos de graduação abandonarem o auditório enquanto alguém lê uma comunicação, resultado de anos de pesquisa. E abandonam, muitas vezes, por não entenderem aquilo que está sendo lido, talvez por causa de uma linguagem rebuscada demais. É comum ouvir alunos (e até docentes) dizerem “me desconcentrei durante a apresentação” ou “entendi pouco”, após o término da leitura de uma comunicação.

Até mesmo outros professores, acostumados ou não a participarem desse tipo de evento, em certos momentos expressam sua vontade de lerem, posteriormente e com calma, o texto do qual ouviram a leitura. E aqui chegamos ao ponto central do problema, a leitura do texto. Na maioria dos eventos de história são publicados anais ou atas contendo os textos completos das comunicações, o que libera (ou deveria liberar) o acesso de todos aos textos

escritos. Isso por si só faz inexistir a necessidade de se fazer uma leitura completa do texto no momento da apresentação. Bastaria uma apresentação oral, preferencialmente sem leituras (ou com leitura de trechos curtos), utilizando-se uma linguagem dialógica que seja inteligível para todos os presentes (ou pelo menos para a maioria).

Quando dissemos, anteriormente, que a didática da história tem a tarefa de estabelecer a “Função” da consciência histórica, é preciso ter em mente que o historiador deve ter a preocupação de verificar se o conhecimento que está sendo apresentado por ele permite aos ouvintes a autocompreensão do presente e de como os interesses presentes influenciam um determinado ponto de vista histórico (SADDI, 2012, p. 215).

Afinal, para que se apresenta uma comunicação em história? Pela mera satisfação de demonstrar à sociedade acadêmica que se conhece os métodos de pesquisa e um determinado ramo do conhecimento histórico? Ou para transmitir aos ouvintes o conhecimento de uma pesquisa de anos numa tentativa de enriquecer histórica e culturalmente professores e alunos presentes? Será que a resposta é a síntese das duas últimas perguntas? Será que a resposta é outra não mencionada aqui?

A menos que se saiba o que pensam todos os comunicadores, é impossível responder com exatidão a essas perguntas. Contudo, é preciso repensar as formas de comunicação em eventos, para que haja uma maior preocupação com a consciência histórica. A consciência histórica não deve ser objeto de preocupação apenas na escrita de um texto científico de história, mas também nas práticas de apresentação desses textos em eventos acadêmicos. Vale dizer, é importante que os comunicadores se convençam de que a didática da história não se dissocia da ciência histórica. E que, além disso, a didática da história desenvolve sua investigação em três áreas fundamentais: I) o ensino escolar de história; II) uso público da história; e III) a ciência história (SADDI, 2012, p. 216).

Citando Luiz Fernando Cerri (2010, p. 268):

Do conceito de consciência histórica decorrem algumas consequências importantes, sobre a teoria da história e sobre o ensino. Com esse conceito, a Didática da História não pode ser mais o conjunto de teorias e métodos voltados ao ensino, mas precisa ser uma teoria da aprendizagem histórica, superando, se quiser responder aos deságios contemporâneos, o campo restrito da metodologia de ensino.

Quando dizemos que o desmazelo com a consciência histórica nas comunicações é uma questão da didática da história, referimo-nos também, e não somente, ao fato de que os

comunicadores precisam se preocupar mais com a questão da consciência histórica e com o ensino de história. Isso é uma preocupação básica que se mostra ausente durante as sessões de comunicação.

Segundo Jörn Rüsen (SCHMIDT, BARCA, MARTINS, 2010, pp. 112-114), são três os objetivos da aprendizagem histórica: 1º) conhecer o passado a partir do presente; 2º) interpretar os fatos e os respectivos motivos destes; 3º) construir sentidos com o conteúdo do passado, para encontrar sentidos para a cultura dos alunos. Citando Rüsen:

Esta competência fundamental da consciência histórica, que é a que se pretende que seja alcançada mediante a aprendizagem histórica, pode ser dividida em três competências que fazem referência, respectivamente, ao aspecto empírico, teórico e prático da consciência histórica: em uma competência perceptiva ou embasada na experiência, em uma competência interpretativa e, finalmente em uma competência de orientação. A *competência perceptiva ou embasada na experiência* consiste em saber perceber o passado como tal, isto é, em seu distanciamento e diferenciação do presente (alteridade histórica), em vê-lo a partir do horizonte de experiências do presente como um conjunto de ruínas e tradição. A *competência interpretativa* consiste em saber interpretar o que temos percebido como passado em relação e conexão de significado e de sentido com a realidade (a “História” é a encarnação suprema dessa conexão). Finalmente, a *competência de orientação* consiste em admitir e integrar a “História” como construção de sentido com o conteúdo de experiências do passado, no marco de orientação cultural da própria experiência de vida (SCHMIDT, BARCA, MARTINS, 2010, pp. 113-114).

Entendemos que para se atingirem as tarefas da didática da história, principalmente a de estabelecer uma “Função” da consciência histórica, averiguando qual a importância desta consciência histórica para a autocompreensão do presente, é preciso que os comunicadores considerem o nível de conhecimento histórico que os ouvintes já possuem (o conhecimento formal e o não formal), o que Lev Semenovich Vigotski (2007, p. 97) chamaria de zona de conhecimento real, para tentar de forma mais eficiente promover o entendimento daquilo que se propõe a apresentar na comunicação, ou seja, facilitar ao ouvinte o alcance da zona de desenvolvimento potencial. Entretanto, vale ressaltar que a ligação entre essas duas zonas de desenvolvimento se dá através da apresentação de um problema relacionado ao tema e a

tentativa de solução deste sob uma orientação, o que o teórico russo chamou de zona de desenvolvimento proximal<sup>4</sup>.

Pode ser que uma comunicação de forma expositiva, interativa e dialógica, com poucas leituras e com a apresentação de problemas aos ouvintes, favoreça a “Função” da consciência histórica. Contudo, sabemos que é bastante difícil, em vinte minutos, tempo estimado para as comunicações, o historiador conseguir apresentar sua pesquisa de meses ou anos interagindo e ainda apresentando uma problemática e demonstrando como esses problemas foram solucionados durante a pesquisa. Difícil também é saber que há professores e alunos ouvindo a apresentação e que a “bagagem” de conhecimento histórico de cada indivíduo e do grupo deve ser considerada para se definir que tipo de apresentação realizar, com o escopo de tornar inteligível aquilo que se apresenta. Mas, desta forma, os comunicadores, geralmente professores de história e/ou historiadores, cumpriram aquilo que deveria ser uma das obrigações destes profissionais, que é tornar inseparáveis a ciência histórica e a didática da história, sem o quê, torna-se mais difícil ainda a promoção de uma consciência histórica.

Preocupa-nos também a questão do exemplo dado aos alunos do curso de História, quando estes assistem a comunicações lidas e despreocupadas com o ensino. No Brasil, a maioria dos alunos recebe a educação básica por professores adeptos a aulas tradicionais e expositivas. Assim, quase a totalidade dos discentes já chega à universidade influenciada por este tipo de ensino de história, no qual o professor fala e escreve no quadro e o aluno ouve e copia. Torna-se função da graduação em História demonstrar aos discentes que existem métodos de ensino e didáticas mais eficientes a serem pensadas, desenvolvidas e aplicadas em sala de aula. Quando esses alunos graduandos passam o curso de graduação assistindo a comunicações meramente lidas, tendem a manter-se em seu “lugar de conforto” e, depois que se formarem professores, repetirão essas práticas tradicionais e já contestadas.

Vani Moreira Kenski (PICONEZ, 2012, pp. 35-55), sobre o projeto de estágio que desenvolveu na Faculdade de Pedagogia da Unicamp, escreveu que a melhor formação de um professor é aquela que o faça consciente de que sua prática envolve um comportamento de observação, reflexão crítica e reorganização de suas ações. Segundo Vani (PICONEZ, 2012, p.37):

---

<sup>4</sup> Apesar de alguns pensadores afirmarem que esta teoria se aplicaria unicamente a crianças, discordamos com esse entendimento e nos posicionamos a favor da inserção dos adultos no contexto da teoria da zona de desenvolvimento proximal de Vigotski.



Um outro ponto perseguido pelo projeto diz respeito também à necessidade de tornar os alunos conscientes de que suas práticas em sala de aula refletem não apenas o grau de aquisição teórica obtido, mas, entre outras coisas, a forma com que, como alunos, principalmente durante a infância, foram marcados pela sua vivência escolar. Essa percepção é resultante de levantamentos informais baseados nos depoimentos de diversos professores recém-formados que, ao se verem diante de seus alunos pela primeira vez, recuperam a lembrança de alguns de seus antigos professores (os que marcaram de alguma forma as suas trajetórias escolares) e passam a empregá-las (muitas vezes mesmo inconscientemente) como modelos básicos em cima dos quais começam a criar os seus próprios modelos de prática docente.

É comum na formação dos professores esse processo de identificação e separações progressivo, diante de situações novas. Contudo, primeiramente, os professores precisam se conscientizar disso. E, em segundo lugar, precisam se colocar criticamente diante do modelo de prática docente herdado de seus antigos professores. Muitas vezes, o professor é profundamente influenciado por modelos retirados de sua vivência escolar (às vezes bastante negativa) e passa a considerar tal modelo como uma identidade pessoal. “Dessa forma, ele não consegue dar o ‘salto’, estabelecer seu espaço crítico, e criar, através de identificações e separações, a sua própria identidade de mestre” (PICONEZ, 2012, p. 37).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Procurou-se, ao longo deste artigo, demonstrar a importância da vinculação entre ciência histórica e didática da história. Além disso, discorreu-se sobre o dever do historiador de promover a “Função” da consciência histórica, no sentido de indagar qual a relevância dessa consciência histórica para a compreensão do presente. Concordamos com Luis Fernando Cerri, ao afirmar que (2010, pp. 271-272):

Outra consequência da consciência histórica para o ensino é reforçar o princípio – sempre enunciado, mas nem sempre levado a sério – de que o trabalho didático com a história não se resume ao passado, mas deve articular passado, presente e futuro. É assim que funciona a consciência histórica, e se o ensino de história pode ser redefinido como o esforço por uma intervenção racionalizante e humanista sobre aquela consciência, então é assim que devemos agir. Mais do que um recurso para mobilizar a atenção dos alunos, a articulação do passado com o presente e o futuro no ensino segue as características estruturais do pensamento das pessoas.

Por fim, foi proposta uma discussão acerca das maneiras de se apresentar uma comunicação num evento acadêmico, tornando a comunicação uma demonstração de como

unir ciência histórica com didática da história. Entendemos que inexiste a necessidade de se fazer uma leitura completa do texto no momento da comunicação. Talvez fosse mais interessante uma apresentação oral, preferencialmente sem leituras (ou com leitura de pequenos excertos e/ou *slides*), através de uma linguagem dialógica que seja inteligível para todos os presentes e que exponha um ou mais problemas que foram resolvidos durante a pesquisa. Contudo, cabe ao comunicador historiador apresentar esses problemas e tentar promover uma reflexão por parte dos ouvintes sobre a maneira como esses problemas foram resolvidos, mesmo que essa reflexão seja efetivamente feita por alguns poucos que se interessem pelo tema discutido.

É preciso que os comunicadores se preocupem mais com a didática da história e com a consciência histórica dos ouvintes, para que as práticas de comunicação sejam modificadas, a fim de tornar mais compreensíveis as pesquisas que são apresentadas em eventos acadêmicos. Além disso, rompendo essa “convenção” das comunicações lidas estabelecer-se-á o espírito crítico dos alunos de graduação em história, que poderão demonstrar sua criatividade renovando as cansativas e tradicionais metodologias de ensino de história, assumindo, assim, sua própria identidade de professor.

## REFERÊNCIAS

BERGMANN, Klaus. A História na reflexão didática. *Revista Brasileira de História*, v. 9, n. 19, p. 29-42, 1989. Disponível em:

CARDOSO, Oldimar. Para uma definição de didática da história. *Revista Brasileira de História*, v. 28, n. 55, p. 153-170, 2008. Disponível em:

CERRI, Luis Fernando. Didática da história: uma leitura teórica sobre a história na prática. *Revista de História Regional*, v. 15, n. 2, p. 264-278, 2010. Disponível em: [http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2380/1875\\_](http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2380/1875_) Acesso em: 10 de novembro de 2013.

CERRI, Luis Fernando. Os Conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da história. *Revista de História Regional*, v. 6, n. 2, p. 93-112, 2001.

[http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/16989\\_](http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/16989_) Acesso em: 10 de novembro de 2013.

[http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=a%20hist%C3%B3ria%20na%20reflex%C3%A3o%20did%C3%A1tica&source=web&cd=1&cad=rja&ved=0CDEQFjAA&url=http%3A%](http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=a%20hist%C3%B3ria%20na%20reflex%C3%A3o%20did%C3%A1tica&source=web&cd=1&cad=rja&ved=0CDEQFjAA&url=http%3A%20)

2F%2Fwww.anpuh.org%2Farquivo%2Fdownload%3FID\_ARQUIVO%3D3877&ei=\_HEFUqCEFISo9gTYhIGADQ&usg=AFQjCNFhPx7L2zUwj-q7BjW0\_pLROjUM8Q. Acesso em: 10 de novembro de 2013.

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/279/285>. Acesso em: 10 de novembro de 2013.

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882008000100008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882008000100008&script=sci_arttext). Acesso em: 10 de novembro de 2013.

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/11603>. Acesso em: 10 de novembro de 2013.

JEISMANN, Karl-Ernst. Didaktik der Geschichte: Die Wissenschaft von Zustand, Funktion und Veränderung geschichtlicher Vorstellung im Selbstverständnis der Gegenwart. In KOSTHORST, Erich (Hrsg). *Geschichtswissenschaft: Didaktik – Forschung – Theorie*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1977.

PICONEZ, Stela C. B. (Coord.). FAZENDA, Ivani Catarina A. KENSKI, Vani Moreira. *A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado*. 24ª ed. Campinas: Papyrus, 2012.

RÜSEN, Jörn. *Aprendizagem Histórica: fundamentos e paradigmas*. Curitiba: W.A. Editores, 2012.

RÜSEN, Jörn. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. *Práxis Educativa*, v. 1, n. 2, p. 7-16, 2006. Disponível em:

SADDI, Rafael. Didática da história como sub-disciplina da ciência histórica. *História e Ensino*, v. 16, n. 1, p. 61-80, 2010. Disponível em:

SADDI, Rafael. O parafuso da didática da história: o objeto de pesquisa e o campo de investigação de uma didática da história ampliada. *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 34, n. 2, p. xx-xx, July-Dec., 2012. Disponível em:

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. BARCA, Isabel. MARTINS, Estevão de Rezende (org.). *Jörn Rüsen e o ensino de História*. Curitiba: UFPR, 2010.

URBAN, A. C. *Didática da história: percursos de um código disciplinar no Brasil e na Espanha*. 2009. 246f. Tese (Doutorado em Educação)-Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *A Formação Social da Mente*. O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Recebido em 27 de novembro de 2017.

Aprovado em 20 de março de 2018.